

## **Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ**

Coordenador: Prof. Vicente Dobroruka

Universidade de Brasília  
IHD - Dpto. de História  
Brasília -DF- 70910-900

[www.pej-unb.org](http://www.pej-unb.org)

### **"JOSEFO E SUA OBRA *GUERRA DOS JUDEUS*"**

**IV JORNADA DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS DA UEM, 6-7 DE OUTUBRO**

**2005**

### **"TRANSFORMAÇÃO SOCIAL E EDUCAÇÃO"**

Samuel Martins Nascimento

Mestrando em História / UEM

Profa.Dra. Renata Lopes Biazotto Venturini



Resumo / abstract



## Josefo e sua obra *Guerra dos judeus*<sup>1</sup>

Este estudo visa analisar a leitura que Flávio Josefo fez sobre a Guerra dos Judeus, caracterizada pela revolta judaica contra o regime romano imposto na região da Palestina, ocorrida no século I d.C.. Josefo documentou esta guerra, como testemunha ocular, em sua obra intitulada *Guerra dos Judeus*.

Essa guerra ocorreu entre os anos de 66 e 70 d.C.<sup>2</sup>, e marcou profundamente a região da Judéia, tanto para judeus como para romanos e cristãos. Para os Judeus porque o judaísmo passou por uma profunda mudança, além da destruição de Jerusalém e do Templo; para os cristãos por se separarem do judaísmo definitivamente e para os romanos, pois dessa região originou a dinastia dos flavianos que reinou de 69-96 d.C..

Para Josefo a responsabilidade da destruição de Jerusalém foi dos judeus e não dos romanos. Se os judeus não tivessem se revoltado ou se tivessem arrependido durante a Guerra, Jerusalém e a Judéia não teriam sido devastadas.

Josefo nasceu em 37 d.C., como ele mesmo afirma na *Autobiografia*<sup>3</sup>: "eu tenho meu nascimento, no primeiro ano do reinado do imperador Caio César<sup>4</sup>" (Josefo, *Autobiografia* 476). Era filho de Matias, um sacerdote; e sua mãe descendia da família real dos asmoneus:

---

<sup>1</sup> As citações da obra de Josefo foram retiradas da edição de Vicente Pedrosa; para as referências bíblicas utilizei a New International Version. São Paulo: Editora Vida, 2003.

<sup>2</sup> Algumas fortalezas foram tomadas depois de 70, como Macheron e Herodium (Josefo, BJ 695). Já Masada foi tomada em 73 Josefo, BJ 698).

<sup>3</sup> Apesar do livro História dos Hebreus traduzido por Vicente Pedrosa chamar esta obra de "Vida de Flávio Josefo escrita por ele mesmo", chamaremos ela de "Autobiografia" que é o nome usado por todos os autores que estudam Josefo. Cf. Mireille Hadas-Lebel. *Flávio Josefo: o judeu de Roma*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. P.15.

<sup>4</sup> Caio César (Calígula) reinou entre 37 e 41 d.C.



*Mas eu não sou somente oriundo da família dos sacrificadores, eu sou também da primeira das vinte e quatro linhas que a compõe e cuja dignidade está acima de todas [...] O ramo dos asmoneus, de que ela é proveniente, possui durante um longo tempo, entre os hebreus, o reino e a suprema sacrificadura" (Josefo, Autobiografia 476).*

Aos treze anos Josefo inicia seu aprendizado sobre as três seitas que existiam entre os judeus: os essênios, os fariseus, e os saduceus. Quanto aos zelotas, uma quarta seita, ele destaca que eram vis, pois foram eles que incitaram a revolta contra Roma. Porém, essa experiência não o satisfez, aos dezenove anos ele abraçou a seita dos fariseus, "que se aproxima mais que qualquer outra dos estóicos, entre os gregos" (Josefo, Autobiografia 477). Aos vinte e seis anos ele fez uma viagem a Roma, onde obteve, por intermédio da imperatriz Popéia, a libertação dos sacerdotes que tinham sido levados para Roma. Todavia, quando regressou a Jerusalém a cidade já estava perto da revolta. Ele procurou dissuadir os revoltosos, mas seus esforços foram inúteis. Os facciosos já tinham tomado a Fortaleza Antônia. Josefo, temendo que esses facciosos o acusassem de partidário dos romanos, fugiu para o santuário. Contudo, depois da morte de Manahem e dos principais líderes da revolta, Josefo uniu-se aos sacerdotes, que nesse mesmo momento tinham esperanças que Cássio viria com grande força e derrotaria os revoltosos, o que não aconteceu.

Depois da derrota de Cássio, os sacerdotes que viram Jerusalém desarmada e os sediciosos armados, e sabendo que a Galiléia não estava totalmente em revolta, enviaram para lá Josefo. Ao chegar ele observou que os galileus estavam para travar uma luta com a cidade de Séforis, fiel a Roma.



Ele relatou isso ao Conselho de Jerusalém, que o designou para cuidar da província. Depois de fortificar aquela província, ele começou a enfrentar Plácido, que Géstio Galo tinha enviado para incendiar as aldeias da Galiléia. Nesse momento ele ainda enfrentava as calúnias dos revoltosos, principalmente de João de Giscala e seu amigos. Decidido ir a Jerusalém para se defender, não lhe foi permitido, pois os galileus aclamaram a uma só voz, que ele era seu benfeitor e salvador de seu país.

Em 67 o general Vespasiano conquista Jotapata, última cidade da Galiléia, defendida por Josefo. Este é feito prisioneiro, mas logo cai nas graças de Tito e Vespasiano, pois falou que os dois seriam imperadores. No cerco de Jerusalém, em 70, fez discursos incitando os rebeldes a se arrependerem, porém não foi ouvido. Quando chegou à Roma, depois da conquista de Jerusalém, foi bem aceito por Vespasiano, que lhe deu várias honras, inclusive a cidadania romana, e uma grande extensão de terras na Judéia. As honras continuaram com Tito e Domiciano. Josefo morreu provavelmente entre 95 e 115 d.C..

Suas obras escritas foram *Guerra dos Judeus*, *Antiguidades judaicas*, *Autobiografia* e *Contra Apião*. A primeira obra intitula-se *Guerra dos judeus*, composta de 7 livros. A narrativa se inicia quando o rei selêucida, Antíoco Epifânio toma Jerusalém em 166 a.C. e se estende até a queda de Masada 73 d.C. A segunda obra contendo 20 livros chama-se *Antiguidades judaicas*, que compreende desde a criação do mundo por Deus até o governo de Floro em 66 d.C. A terceira obra se intitula *Contra Apião*, composta de 2 livros. A quarta obra chama-se *Autobiografia*, que é sua própria biografia.

Ao discutimos a concepção de tempo é preciso distinguir a concepção de tempo linear entre os judeus e



tempo cíclico entre os gregos, como se os dois se opusessem. Neste sentido, Lloyd alega que:

*Pretender, em particular, opor uma concepção grega do tempo a uma concepção judaica, e considerar a primeira essencialmente cíclica e a segunda essencialmente linear, significa os casos quanto aos gregos, adotar uma atitude absolutamente equivocada<sup>5</sup>.*

Quanto aos gregos o destaca que essa concepção "cíclica" assume formas diferentes de acordo com os autores. Entre eles encontram-se concepções tanto lineares quanto cíclicas.

Quanto ao tempo judaico, André Neher alega que "Deus está ao mesmo tempo perto e distante, fora do universo e penetrando-o de toda parte. É o Ser e o Devir"<sup>6</sup>. No caso particular de Josefo, percebe-se que Deus também é o mediador do tempo. Ele sempre aparece em suas citações ao longo da obra. Para exemplificar, na obra *Guerra dos Judeus*, no trecho onde descreve o incêndio do Templo, Josefo, afirma:

*Quando Tito se retirou para a torre Antônia, resolveu atacar no dia seguinte pela manhã, dez de agosto, o templo, com todo o seu exército; e assim estava-se na véspera desse dia fatal, em que Deus tinha, há tanto tempo, condenado aquele lugar santo a ser incendiado e destruído depois de uma longa série de anos, como ele tinha outrora no mesmo dia, sido destruído por Nabucodonosor (Josefo, BJ 878)*

---

<sup>5</sup> Cf. Richard Lloyd. "O tempo no pensamento grego" in: Paul Ricoeur et alii. *As culturas e o tempo*. Petrópolis / São Paulo: Vozes / Editora da Universidade de São Paulo, 1975. Pp.136-175.

<sup>6</sup> "Visão do tempo e da história na cultura judaica" in: Ricoeur et alii, op.cit. pp.176-196.



De acordo com esta passagem, o tempo dos judeus já tinha passado<sup>7</sup>. Deus abandonou o Templo, os judeus e foi para o lado dos romanos. Os judeus tinham desrespeitado Iahweh. Com isso chegou a hora da purificação, tal como tinha acontecido com a Grande Diáspora da Assíria e da Babilônia<sup>8</sup>. Logo se vê que a vontade de Deus era que a Judéia fosse arrasada. Josefo alega que Jerusalém cometeu tantas ofensas, que para Deus ter sua cólera aplacada, a cidade teria que se arrepender o mesmo tanto que ofendeu. Josefo, como os velhos profetas do Velho Testamento, (Jeremias, Isaías etc.) já enaltecia o arrependimento. Para ele restava uma opção, por meio da salvação do povo e das magníficas construções de Jerusalém, incluindo o Templo Sagrado<sup>9</sup>.

Mesmo depois da tomada quase total de Jerusalém os revoltosos viram o poderio dos romanos. Neste momento acreditavam que Deus estava do lado dos romanos: "*Viu-se então claramente um efeito do poder de Deus e a boa fortuna dos romanos*" (Josefo, BJ 685)

---

<sup>7</sup> Aqui vale lembrar, que Josefo, escreveu esta obra por volta de 95, portanto 25 anos depois da queda de Jerusalém e os judeus estavam dispersos, principalmente pelo mundo romano e o mundo parto. Josefo vivenciou a queda de Jerusalém, do Templo e dos últimos redutos judaicos. Ele presenciou o triunfo de Roma.

<sup>8</sup> A diáspora da Assíria aconteceu em torno de 733 a.C., quando Tiglatpileser III, da Assíria, deportou os israelitas (o reino do Norte), para a Mesopotâmia. Já a diáspora da Babilônia, aconteceu em torno de 605, quando Nabucodonosor II, da Babilônia, deporta os judeus (de Judá) também para a Mesopotâmia. Cf. Werner Keller. *...E a Bíblia tinha razão*. São Paulo: Circulo do Livro, 1986. Pp.247 e 301.

<sup>9</sup> Cf. Domingos Monteiro. *História da civilização*. Vol.5. Rio de Janeiro: Lidador, 1963. P.224, para quem o Templo era "a maior e mais rica edificação de Jerusalém: era a sede principal, para não dizer única, da autoridade religiosa e uma das fontes permanentes do poder político". Também para Jeanne Chaillet, "O templo de Jerusalém [...] permanece sendo o lugar por excelência da presença divina e o local onde [...] são perdoadas as faltas individuais e coletivas [...] O local santo é o centro da vida judaica e do Universo...Este local é também o símbolo da identidade nacional" in: "O Templo: uma casa de tráfico?" in: *Revista História Viva - Jesus, o homem e Seu tempo*. Nº 1. São Paulo: Duetto, P.69.



Concluindo, de uma forma geral o tempo em Josefo, é o tempo dos judeus na Palestina que deu lugar a nova era, o Tempo dos Romanos. A partir daí, a cidade passou a ser controlada pelos romanos:

*Somente um pedaço do muro, que está do lado do Ocidente, onde ele tinha determinado construir uma fortaleza e as torres de Hípicos, de Fazael e de Mariana, porque, sobrepujando a todas as outras em altura e em magnificência, ele as queria conservar para mostrar à posteridade" (Josefo, BJ, p. 688)*

Durante 60 anos, permaneceu na Palestina uma legião "que usava a insígnia "Leg XF", que significa "Legio X"<sup>10</sup>.

Os escritos de Josefo mostram uma forte influência dos gregos, principalmente de Tucídides. De acordo com Droboruka e Climaco, Tucídides influenciou a vários historiadores da antiguidade. Todavia, não se pode esquecer da origem judaica de Flávio Josefo, que segundo Droboruka, teria sofrido a influência de judeus, tais como Daniel e Jeremias:

*Pretendendo dar à Judéia do séc.1 o mesmo tratamento historiografia) que Tucídides deu à Grécia do séc.V a.C., Josefo acabou indo bem além da mera cópia, fornecendo um quadro explicativo bastante original<sup>11</sup>.*

Segundo Dobroruka é preciso ponderar acerca da influência grega e hebraica na obra de Josefo:

*A ênfase na herança clássica de Josefo, ignorando-se as conexões judaicas de sua formação e de sua obra, pode*

---

<sup>10</sup> Keller, op.cit. p.404.

<sup>11</sup> "História como apocalipse: introdução à idéia de história em Flávio Josefo". Paper apresentado no IV Congresso Nacional de Estudos Clássicos / XII Reunião da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos - SBEC - "Antigüidades". Ouro Preto: UFOP, 5-10 de agosto 2001. 07/08/2001. P.3 in: <[http://www.pej-unb.org/downloads/paper\\_vicente\\_sbec\\_2001\\_02.pdf](http://www.pej-unb.org/downloads/paper_vicente_sbec_2001_02.pdf)>. 02/2006.



*ainda levar o pesquisador a questões errôneas ou mal formuladas, como a da aparente incompatibilidade da noção paga de tyché (empréstimo de Políbio) e o papel de Deus na história; nesse caso não há qualquer complicação maior, já que, ainda que o historiador judeu use os dois termos indistintamente, a ação da Fortuna permanece sempre subordinada aos planos divinos, e não chega a haver contradição, na ótica de Josefo, em se servir simultaneamente do instrumental clássico da historiografia grega e da tradição judaica. Mas o uso do termo grego não deixa de manter o monoteísmo essencial de sua reflexão sobre a história, veiculada muitas vezes sob a forma de discursos postos na boca de generais romanos<sup>12</sup>.*

Como foi escrito nas linhas acima, Josefo é primeiramente um judeu. Em um trecho no prefácio da obra *Guerra Judia* ele relatou que pretendia continuar a história de onde os profetas terminaram:

*Assim, começarei minha história por onde seus autores e nossos profetas terminaram as suas. Referirei particularmente, com toda a exatidão que me for possível, a guerra que se travou no meu tempo e contentar-me-ei em tocar brevemente o que se passou nos séculos seguintes" (Josefo, BJ 497).*

Ele continua relatando o que escreverá nos sete livros, e por fim conclui:

*Escreverei todas estas coisas em sete livros, divididos em capítulos, para satisfação das pessoas que amam a verdade e não tenho motivo de temer que aqueles que tiveram a direção dessa guerra ou que lá se encontraram presentes, me acusarem de ter faltado à sinceridade (Josefo, BJ, 498).*

Josefo alega que não pode ficar lamentando as desgraças de Jerusalém, mas sim ser imparcial. Ele escreveu esta obra em terceira pessoa e em grego<sup>13</sup>, para informar a outras

---

<sup>12</sup> Idem, p.9.

<sup>13</sup> Josefo, BJ 496. Nesse trecho ele alega que compôs primeiro a obra em sua língua natal, o aramaico. Esta idéia é aceita por Hadas-Lebel, op.cit. p.238.



nações dentro do Império, teria o objetivo de mostrar a realidade, ou seja, a verdade dos acontecimentos, inclusive para desmentir outros que escreveram sobre a guerra dos judeus:

*Houve, no entanto, pessoas que se dispuseram a escrevê-la, embora por si mesmos nada soubessem dela, baseando apenas seus conhecimentos em relações vãs e falsas. Quanto aos que nela tornaram parte, sua bajulação pelos romanos e seu ódio pelos judeus, fê-los relatar as coisas de maneira muito diferente, da que de fato eram na realidade. Seus escritos estão cheios de louvores de uns e de censuras dos outros, sem se preocupar com a verdade" (Josefo, BJ 496)*

Sobre este comentário de Josefo percebemos que, em nenhum momento, fala mal dos judeus, mas sim dos revoltosos. Entre os romanos, ele louvava Vespasiano, Tito e o exército romano, pois se os prefeitos e os procuradores da Judéia<sup>14</sup>, fizessem alguma coisa contra os judeus, eram logo atacados por ele. O exemplo mais claro é o de Floro<sup>15</sup>.

Josefo acreditava que a sua versão sobre os fatos era a única verdadeira, e que outros que se dispuseram a escrever sobre a guerra nada sabiam de relevante ou de real.

Sobre os discursos, Climaco alega o que "ele justifica o uso excessivamente emocional em sua obra dizendo que precisa se expressar, mas garante que ela não irá atrapalhar a sua capacidade de dizer a verdade [...] nos discursos de Josefo fica também muito evidente a presença de seus sentimentos pessoais"<sup>16</sup>.

---

<sup>14</sup> Prefeitos de 6 a 41 e procuradores de 44 a 66.

<sup>15</sup> Para maiores informações referentes a Floro, ver Josefo, BJ 563-572, referentes ao seu governo.

<sup>16</sup> Joana C. Clímaco. "Os discursos na historiografia antiga e sua presença na Guerra dos judeus de Flávio Josefo". Paper apresentado no IV Congresso Nacional de Estudos Clássicos / XII Reunião da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos - SBEC - "Antigüidades". Ouro Preto: UFOP, 5-10 de agosto 2001. 09/08/2001. P.5 in: <[http://www.pej-unb.org/downloads/paper\\_joana\\_sbec\\_2001.pdf](http://www.pej-unb.org/downloads/paper_joana_sbec_2001.pdf)>. 02/2006.



Josefo se utiliza dos discursos de pessoas mais próximas dele. Ele pertencia um círculo da alta classe dos sacerdotes<sup>17</sup>. Há um consenso geral de que se a guerra acontecesse quem perderia mais seriam eles, pois esses eram aliados de Roma, incluindo o próprio Josefo. Ele sempre usou discursos desta classe que sentia a guerra como um mau negócio.

Nesses doze escritos, percebemos que Josefo não tomou como referência nenhum discurso dos dois principais chefes dos revoltosos, João de Giscala e Simão bar Giorias. Ao contrário, buscou alertar seus leitores que Jerusalém caíra em ruína por causa dos revoltosos; os romanos não tiveram culpa. Essa idéia vai desde o discurso de Agripa, falando para os judeus não se revoltarem, pois assim não teriam a cidade destruída por Roma que era a "enhora do mundo" até o ao último discurso de Eleazar, um dos mais influentes dos chefes dos revoltosos. Todos concluem que erraram e com isso arrependem-se.

Ao longo da obra percebemos o descontentamento de Josefo, principalmente com relação a João e a Simão. Por isso o discurso pronunciados por esses dois líderes dos rebeldes, não aparece na sua obra. Podemos observar que Josefo tem uma idéia central: os revoltosos estavam errados em fazer a guerra. Mas quando começaram foram contra Deus, e cometeram sacrilégios. A destruição de Jerusalém, do Templo, do povo judeu, foi culpa dos revoltosos. O certo era que eles reconhecessem o erro cometido e se entregassem aos romanos, antes que tudo fosse destruído. Mas não

---

<sup>17</sup> Finley afirma que "Os zelotes eram uma seita religiosa tradicional, tão hostil à aristocracia judaica e à alta casta sacerdotal (que Josefo representava) quanto aos dominadores romanos". Logo depois, parafraseando Zeitlin, ele diz que "que o povo judeu era esmagado pela tirania romana é ignorar esse fator e cair na mesma armadilha que produziu a idéia da culpa coletiva. A classe representada por Josefo não se sentia tiranizada". Cf. Moses I. Finley. *Aspectos da antiguidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. P.221.



aconteceu assim. Josefo condena os revoltosos pela destruição e não os romanos.

Para Hadas-Lebel "em sua vida póstuma quase milenar, Flávio Josefo assumiu os rostos mais diversos"<sup>18</sup>. Hadas-Lebel passa a idéia de que Josefo foi visto por alguns judeus como traidor, inclusive no meio da segunda guerra mundial. Esta idéia de Josefo ter sido um traidor remonta ao fato dele não ter morrido como um herói, resistindo bravamente contra os romanos, pois Josefo não queria suicidar-se mas entregar-se aos romanos, quando estava escondido numa caverna.

Chamar Josefo de traidor se justifica pelo fato dele ter pregado contra os judeus revoltosos, que levaram a derrota. Para ele a culpa da destruição de Jerusalém não foi dos romanos, mas dos revoltosos. Essa idéia, para os judeus da Diáspora judaica do século I d.C. não foi muito favorável. Porém, o próprio Josefo não acreditava que estivesse traindo quem quer que fosse. Para ele os revoltosos foram os causadores das terríveis perdas. Se tivessem ouvido seus discursos os de Agripa e de Tito os judeus não teriam sido escravizados.

De uma forma geral Josefo alega que Deus está do lado dos romanos. Quando estava na caverna escondido de Vespasiano, lembrou do sonho que tivera antes:

*Josefo então lembrou-se dos sonhos que tivera, nos quais Deus lhe fizera ver as desgraças que sucederiam aos judeus e os felizes resultados obtidos pelos romanos, pois ele sabia explicar os sonhos e ver a verdade mesmo no meio das trevas, a qual Deus muitas vezes se compraz em esconder e como ele era sacrificador, também conhecia as profecias que estão nos livros santos (Josefo, BJ 599).*

---

<sup>18</sup> Hadas-Lebel, op.cit. p.270.



Quanto as profecias, Josefo já tinha em mente que os romanos já iriam dominar o mundo judaico<sup>19</sup>. Sobre essa discussão lembramos os estudos de Victor Passuello; segundo ele a idéia de que o quarto império era o romano dentro do mito das quatro idades do livro de Daniel <sup>20</sup>foi formulada por Josefo. Os quatros reinos de acordo com Josefo eram: o babilônico (cabeça de ouro), o medo-persa (peito e braços de prata), o grego (ventre e quadris de bronze) e o romano (pernas de ferro).

Como Josefo se comporta diante disto? Em boa parte da obra ele se sente aflito por causa da destruição de Jerusalém e do Templo, ambos sagrados para os judeus. Ele, como qualquer outro judeu amante de sua nação, não se sentiu bem ao ver as coisas sagradas serem destruídas. Ele deplora as desgraças de Jerusalém<sup>21</sup>. Diante disto não podemos chamá-lo de traidor, pelo fato de ter-se tornado romano.

Os escritos de Flávio Josefo se apresentam como um testemunho singular sobre a guerra dos judeus, resguardadas a devida relação entre o contexto histórico de sua produção, bem como o lugar de seu autor nesse contexto.

---

<sup>19</sup> Cf. também Victor Passuello. "O mito das quatro idades no livro de Daniel e em Josefo: suas origens e circulação durante o período helenístico". Paper apresentado no IV Congresso Nacional de Estudos Clássicos / XII Reunião da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos - SBEC - "Antigüidades". Ouro Preto: UFOP, 5-10 de agosto 2001. 07/08/2001 in: < [http://www.pej-unb.org/downloads/paper\\_victor\\_sbec\\_2001\\_01.pdf](http://www.pej-unb.org/downloads/paper_victor_sbec_2001_01.pdf)>. 02/2006 e "Conflitos e interações entre as tradições judaica e grega na época helenística: a reescritura do livro de Daniel nas *Antigüidades judaicas* de Josefo". Paper apresentado no IV Congresso Nacional de Estudos Clássicos / XII Reunião da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos - SBEC - "Antigüidades". Ouro Preto: UFOP, 5-10 de agosto 2001. 08/08/2001 in: < [http://www.pej-unb.org/downloads/paper\\_victor\\_sbec\\_2001\\_02.pdf](http://www.pej-unb.org/downloads/paper_victor_sbec_2001_02.pdf)>. 02/2006.

<sup>20</sup> Dn 2:24; 7:1-28.

<sup>21</sup> Josefo, BJ 5.2, p.639.